

que a relação de designação se verifica entre estas seis coisas é então equivalente a dizer que uma elocução (inscrição) particular *e* de um designador *d*, pertencente a uma linguagem *l*, por um locutor *f* (de *l*), num contexto *c*, designa um objecto *o*. Por exemplo, fazendo *d* ser o INDEXICAL «eu», obtém-se a seguinte regra de designação para o pronome na primeira pessoa: uma elocução (inscrição) *e* do designador português «eu» por um locutor *f*, num contexto *c*, designa um objecto *o* se, e só se, $o = f$ (de forma mais simples, qualquer elocução da palavra «eu» designa a pessoa que produz a elocução).

A relação de designação pode igualmente obter entre designadores e itens linguísticos. Por exemplo, se quisermos especificar qual é o objecto ou indivíduo designado por um designador, podemos fazê-lo através de frases como:

«Aristóteles» designa (em português) Aristóteles.

Aqui, a segunda ocorrência (não citada) do designador «Aristóteles» faz o seu trabalho habitual de designar o indivíduo Aristóteles; mas a primeira ocorrência (citada) do designador não designa aquele indivíduo (ou qualquer outro), mas o próprio designador «Aristóteles» (*ver* USO/MENÇÃO). *Ver também* DENOTAÇÃO. JB

designador Termo introduzido por Kripke (1980), para se referir aos termos singulares (*e*, em particular, aos NOMES PRÓPRIOS e às DESCRIÇÕES DEFINIDAS) e à sua característica semântica básica de «designarem» um referente. Neste contexto, é possível distinguir DESIGNADORES RÍGIDOS de designadores «flácidos» (em termos assumidamente modais: um designador rígido (como «Jorge Sampaio») tem um mesmo referente em todos os MUNDOS POSSÍVEIS em que refere, ao passo que um designador flácido (como «o Presidente português eleito em 1996») pode variar de referente consoante o mundo considerado). A esta distinção acrescenta-se outra mais subtil, entre designadores fortemente rígidos e fracamente rígidos: «sete», por exemplo, pertence ao primeiro tipo uma vez que o seu referente (o número sete)

existe em todos os mundos; ao passo que «Jorge Sampaio» pertence ao segundo, uma vez que há mundos possíveis nos quais Jorge Sampaio não existe e, logo, nos quais «Jorge Sampaio» não tem um referente. A distinção entre nomes e descrições quanto à rigidez não é a de que os primeiros são rígidos e as segundas não (há descrições rígidas, por exemplo, «o menor número par positivo») mas, segundo Kripke, a de que os primeiros são rígidos *de jure* e as segundas são ou flácidas ou rígidas *de facto*. Um designador é rígido *de jure* se for rígido por estipulação (por exemplo, por um procedimento baptismal de qualquer tipo; exemplos, além de nomes próprios, são os das espécies naturais); e é rígido *de facto* se a circunstância de ele ter um mesmo objecto como referente em todos os mundos (em que tem um referente) resulta de ele conter um predicado que calha ser verdadeiro desse objecto em todos os mundos (por exemplo, o predicado «menor número par positivo»).

Polemicamente, um designador rígido pode ser descrito como designando o seu referente mesmo naqueles mundos em que esse referente não existe; de outro modo seria difícil explicar como formular condições de verdade adequadas para uma CONDICIONAL CONTRAFACTUAL como «se Jorge Sampaio não existisse, Eanes seria agora o Presidente», a qual, apesar de remeter para um mundo em que Sampaio não existe, está, no entanto, a falar de Sampaio. *Ver também* TEORIA DAS DESCRIÇÕES DEFINIDAS; DESIGNADOR RÍGIDO; EXISTÊNCIA; INDEXICAIS; MUNDOS POSSÍVEIS; NOME PRÓPRIO; REFERÊNCIA, TEORIAS DA; TERMO SINGULAR. PS

Kripke, S. 1980. *Naming and Necessity*. Oxford: Blackwell.

designador flácido Opõe-se a DESIGNADOR RÍGIDO.

designador rígido Um TERMO de uma linguagem *L* é um DESIGNADOR rígido se tiver como referente o mesmo objecto («rigidamente») em todos os MUNDOS POSSÍVEIS (em que tenha um

designador rígido

referente). O conceito foi introduzido por Kripke no contexto da sua crítica às teorias tradicionais do significado de Russell e Frege, as quais podem ser descritas como identificando a semântica dos NOMES PRÓPRIOS com a das DESCRIÇÕES DEFINIDAS, no sentido de os tomar como designadores do mesmo tipo. O ponto de vista de Kripke é o de que nomes próprios são designadores rígidos, distinguindo-se assim, em geral, de descrições. Tal ponto de vista contradiz, portanto, quer a teoria do significado de Frege (segundo a qual qualquer nome próprio tem um SENTIDO que pode ser identificado com uma descrição ou conjunto de descrições identificativas do referente do nome — por exemplo, o sentido de «Álvaro Cunhal» poderia ser identificado com o conteúdo descritivo de «o dirigente carismático do PCP»), quer a ideia de Russell de que qualquer nome próprio das línguas naturais (com a excepção dos termos usados para referir dados dos sentidos, por exemplo, «isto») é de facto uma descrição encapota-da, cuja ocorrência numa frase é susceptível de ser analisada semanticamente pela sua técnica habitual de análise de descrições (*Ver também* TEORIA DAS DESCRIÇÕES DEFINIDAS).

Dado o conteúdo modal do conceito, a rigidez de um designador é verificável, como seria de prever, no modo como ele identifica um referente em frases cujas condições de verdade apelem para a consideração de mundos possíveis alternativos ao actual. A frase 1, por exemplo, ilustra a rigidez do nome «Álvaro Cunhal»: 1) «Álvaro Cunhal podia ter sido um xadrezista famoso».

De acordo com a semântica modal de «poder», 1 é verdadeira no mundo actual w se, e só se, existir um mundo possível w' diferente de w tal que Álvaro Cunhal é um xadrezista famoso em w' . Estas condições de verdade mostram que, apesar de 1 ser acerca de um mundo possível diferente do actual, é ainda acerca do que se passa nesse mundo com o referente de «Álvaro Cunhal» no mundo actual. Ou seja, mesmo quando «Álvaro Cunhal» ocorre em frases cujas condições de verdade remetem para a inspecção de mundos

possíveis diferentes do actual e portanto são acerca do referente do nome nesses mundos possíveis (como 1), esse referente é idêntico ao que o nome tem no mundo actual; e isso acontece porque o referente que ele tem no mundo actual é o mesmo que tem em qualquer outro mundo possível (de modo não inteiramente consensual, isto inclui, segundo Kripke, mundos em que tal referente não existe, como aquele para o qual somos remetidos quando avaliamos as condições de verdade de «se os seus pais nunca se tivessem encontrado, Álvaro Cunhal não existiria» — *ver* DESIGNADOR).

Frases sem condições de verdade modais constituem também evidência de que nomes próprios são designadores rígidos. Tome-se 2) «Álvaro Cunhal é um dirigente histórico do PCP» e considere-se o modo como lhe seria atribuído um valor de verdade num mundo possível w'' em que Álvaro Cunhal fosse um político conservador, católico e membro da Opus Dei. Avaliada em w'' , 2 seria ainda uma frase acerca de Álvaro Cunhal; ora, num w'' desses, Álvaro Cunhal não seria comunista e certamente também não um dirigente histórico do PCP — o que faria de 2 uma frase falsa em w'' . Ou seja, em w'' o nome «Álvaro Cunhal» continuaria ainda a referir-se ao mesmo indivíduo que no mundo actual, o que faz concluir que a relação de REFERÊNCIA entre «Álvaro Cunhal» e o indivíduo Álvaro Cunhal é independente do mundo possível considerado.

O comportamento de designadores rígidos como nomes próprios contrasta visivelmente com o comportamento das descrições definidas. Substitua-se, em 1 e em 2, o nome próprio «Álvaro Cunhal» pela descrição definida correferente (no mundo actual) «o autor de *Até Amanhã, Camaradas*» de modo a obter 1') «O autor de *Até Amanhã, Camaradas* podia ter sido um xadrezista famoso»; 2') «O autor de *Até Amanhã, Camaradas* é um dirigente histórico do PCP».

Podemos agora comparar o comportamento do nome com o da descrição em cada um dos casos. Começemos por 2/2'. Ao contrário de 2, 2' já não é, no mundo possível w'' (aquele em

que Álvaro Cunhal é da Opus Dei) uma frase falsa acerca de Álvaro Cunhal; o único modo como ela seria interpretável em w'' seria como uma frase (provavelmente verdadeira) acerca de quem quer que fosse, em w'' , o autor de *Até Amanhã, Camaradas* — presumivelmente um comunista e, portanto, presumivelmente também alguém que não o católico radical Álvaro Cunhal. Ou seja, a descrição «o autor de *Até Amanhã, Camaradas*» teria como referente, em w'' , alguém diferente do referente que tem no mundo actual — um indício seguro de que não é um designador rígido. No caso de $1/1'$, a situação é ligeiramente mais complexa, uma vez que a substituição mencionada originou uma ambiguidade de ÂMBITO. Em 1 (com o nome «Álvaro Cunhal») estávamos inequivocamente a referir-nos ao indivíduo Álvaro Cunhal (e à circunstância de haver um mundo possível w' em que ele é um xadrezista famoso); e essa é também uma das interpretações possíveis de $1'$. Mas existe outra, segundo a qual poderia ter acontecido que o autor de *Até Amanhã, Camaradas* em w' fosse um xadrezista famoso em w' . E, nesta interpretação, $1'$ já não tem de estar a falar de Álvaro Cunhal (uma vez que em w' Álvaro Cunhal pode não ser o autor de *Até Amanhã, Camaradas*). É visível que a ambiguidade mencionada depende do âmbito relativo da descrição e do operador modal denotado por «poderia». Na primeira interpretação, a descrição tem âmbito longo sobre o operador, o que faz a sua referência ser identificada antes de o operador induzir a consideração de quaisquer mundos alternativos — e é, por isso, a referência que a descrição tem no mundo actual; ao passo que na segunda interpretação o operador tem âmbito sobre a descrição, o que faz que só seja atribuído um referente à descrição depois de se ter considerado um certo mundo diferente do actual — e é por isso que, uma vez que as descrições podem mudar de referente consoante o mundo possível considerado, esse referente não tem de ser o mesmo que ela tem no mundo actual.

Até agora é visível que nomes próprios e descrições definidas diferem entre si quanto a

rigidez: os nomes próprios são por natureza rígidos, ao passo que as descrições não são. O motivo parece ser o seguinte: nomes e descrições referem de maneira diferente. Ao contrário de um nome próprio, uma descrição definida (própria) identifica um certo referente em função do seu conteúdo descritivo ou MODO DE APRESENTAÇÃO do objecto referido; é esse conteúdo descritivo que determina qual é o objecto que a descrição refere. Uma vez que pode bem acontecer que num mundo w o conteúdo descritivo de uma descrição D seja satisfeito pelo objecto o_1 , noutro mundo w' pelo objecto o_2 e num terceiro mundo w'' por nenhum objecto ou por mais do que um (caso em que a descrição será imprópria), é possível que o referente de D mude (podendo acontecer que em certos mundos não tenha um). Pelo contrário, não se pode dizer que o referente de um nome próprio seja determinado por meio de um ou vários conteúdos descritivos que os utentes da linguagem calhem associar ao nome. Mesmo que todos os interlocutores associassem a «Álvaro Cunhal» por exemplo, o conteúdo descritivo «o dirigente carismático do PCP», não se poderia dizer que era através desse conteúdo descritivo que o indivíduo Álvaro Cunhal seria determinado como o referente de «Álvaro Cunhal».

O argumento modal de Kripke exposto atrás mostra isso mesmo. E o seu chamado argumento semântico também: imagine-se que o indivíduo que todos conhecemos por «Álvaro Cunhal» tinha enganado o público durante décadas e era *de facto* (isto é, no mundo actual) um católico radical membro da Opus Dei; e que o Arcebispo de Braga tinha sido o autor de uma farsa de proporções semelhantes, revelando-se, ele sim, o dirigente máximo (secreto, mas sem dúvida carismático) do PCP durante as últimas seis décadas. Nestas circunstâncias, a quem chamaríamos «Álvaro Cunhal»? À pessoa que observávamos em inúmeros debates e comícios e que foi prisioneira política durante doze anos, ou àquela que costuma ostentar vestes eclesiais e que afirmou ter aprendido bastante com o filme «O Império dos Sentidos»? Sem dúvida que à primeira, apesar de ser a segunda que satisfaz

determinante

o conteúdo descritivo «o dirigente carismático do PCP» — o que mostra que o comportamento semântico do nome «Álvaro Cunhal», designadamente o modo como determina o seu referente, é independente de qualquer conteúdo descritivo que lhe seja associável.

No entanto, a rigidez não é uma característica distintiva dos nomes em relação às descrições. Da argumentação anterior, segue-se que todos os nomes são designadores rígidos; e sugeriu-se que as descrições são, em geral, não rígidas ou «flácidas». Mas não foi estabelecido que só os nomes são designadores rígidos — em particular, não foi estabelecido que não haja descrições rígidas. E, de facto, existem descrições que passam o teste (modal) de rigidez, na medida em que têm o mesmo referente em todos os mundos possíveis — por exemplo, «o menor número par positivo». Não há qualquer mundo possível em que o número natural que é o referente desta descrição (o número dois) seja diferente do que aquele que a satisfaz no mundo actual; e isto é um apanágio das NECESSIDADES matemáticas (ao contrário das necessidades físicas, por exemplo). Mas a razão pela qual é sempre o mesmo número a satisfazer a descrição decorre do significado dos conceitos matemáticos de número par, número positivo e menor que e, logo, depende do conteúdo descritivo da descrição. O facto de «o menor número par positivo» ser um designador rígido decorre, por outras palavras, de o seu conteúdo descritivo determinar o mesmo referente em todos os mundos possíveis. Tais descrições são, assim, designadores rígidos *de facto* e não *de jure*, como os nomes próprios (*ver* DESIGNADOR). Um nome próprio como «Álvaro Cunhal» está associado ao seu referente independentemente de quaisquer conteúdos descritivos, por algo como uma definição lexical (possivelmente devido a um acto de carácter baptismal original), independentemente de esse indivíduo ser comunista, membro da Opus Dei ou piloto da fórmula 1 e portanto independentemente de tais (ou outros) conteúdos descritivos serem habitualmente identificados com o nome e de serem, mesmo, usados para fixar a sua referência.

Dadas estas observações, parece razoável defender que o que distingue nomes de descrições é não a rigidez mas o facto de os primeiros, mas não as segundas, serem termos referenciais, isto é, termos cuja contribuição para a PROPOSIÇÃO expressa pelas frases em que ocorrem é o objecto que têm como referente. Ou seja, os nomes próprios parecem merecer ser descritos como termos referenciais na medida em que têm o seguinte comportamento semântico: dado um nome próprio *n* com referente *o* e um PREDICADO *Px*, os interlocutores compreenderem a proposição expressa pela frase *Pn* é equivalente a saberem que ela é verdadeira se, e só se, *o* satisfaz o predicado *P*. Esta propriedade é conceptualmente mais forte do que a rigidez (é por isso que ela distingue melhor os nomes das descrições): se um termo é referencial no sentido mencionado, então é rígido — mas não vice-versa. O exemplo das descrições rígidas mostra isso mesmo: apesar de rígidas, elas não são (designadamente no seu uso ATRIBUTIVO) termos referenciais, uma vez que é possível compreender a proposição expressa por frases em que ocorram sem identificar o seu referente — basta compreender o seu conteúdo descritivo: para entender a proposição expressa por «o menor número par positivo é maior do que 1» não tenho de identificar o número que a descrição «o menor número par positivo» refere, mas apenas de entender o que a descrição significa.

O conceito de rigidez não se aplica apenas, como a discussão anterior pode fazer pensar, a termos singulares. Termos para TIPOS NATURAIS, como «água», por exemplo, podem ser descritos como rígidos — *ver* a este respeito TERRA GÊMEA. *Ver também* ATRIBUTIVO/REFERENCIAL; *DE DICTO / DE RE*; TEORIA DAS DESCRIÇÕES DEFINIDAS; DESIGNADOR; INDEXICAL; REFERÊNCIA, TEORIAS DA; PROPOSIÇÃO; SENTIDO/REFERÊNCIA; TERRA GÊMEA. PS

Kripke, S. 1980. *Naming and Necessity*. Oxford: Blackwell.

determinante *Ver* QUANTIFICAÇÃO GENERALI-